



O PARQUE DO INGÁ COMO FERRAMENTA URBANA DE QUALIDADE DE VIDA: UMA ANÁLISE SOCIOAMBIENTAL

Igor Leonardo Alves da Silva¹, Renan da Silva Dalago², Ana Paula Machado Velho³

RESUMO: Conhecer o universo que envolve os temas de sua área de ação é uma das necessidades do comunicador, que deve agir como mobilizador social. O principal objetivo desse projeto é compreender em que nível o Parque do Ingá têm servido como espaço de convivência, lazer e de experiência com a natureza para seus cidadãos, no sentido de investir em ações de comunicação que possam levar a população de Maringá a compreender a importância dessa convivência com ambiente natural e cobrar a ação do Poder Público no sentido de viabilizar necessidade básica de lazer e qualidade de vida. A pesquisa será de caráter exploratório, com análise quanti-qualitativa. O instrumento de levantamento de dados conterá perguntas fechadas. A amostra de aplicação do projeto será por conveniência. Os dados serão tabulados e inseridos num software estatístico para serem trabalhados estatisticamente (inferências, cruzamentos etc.). Espera-se que os dados possam dar subsídio a ações de conscientização ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: Ecologia Urbana; Sustentabilidade; Parques urbanos.

1 INTRODUÇÃO

Maringá ganhou o codinome de “Cidade Verde” por possuir em seu perímetro urbano uma grande área verde, preservada desde sua colonização pela Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná, com o intuito de deixar às novas gerações a fauna e a flora originárias da região e também com o desejo de que a população maringaense não sofresse com poluição e tivesse um local saudável para conviver. Porém, não é isso que se vê nos dias de hoje. Essas áreas verdes vêm sendo destruídas e quase nada tem sido feito no sentido de preservação. Um exemplo é o Parque do Ingá, um ambiente de lazer bastante procurado no passado pela população local e vizinha que, hoje, apresenta diversas marcas de abandono, deixadas em consequência da má administração.

Deste modo, a pesquisa aqui proposta vem ao encontro da necessidade de fazer um balanço destas áreas e conhecer a percepção que os cidadãos do município têm sobre a questão das áreas verdes de Maringá, no que diz respeito à sua função como ferramenta que garante o equilíbrio ambiental do espaço urbano e o contato com o ambiente natural tão necessário à espécie humana.

Marx critica esse distanciamento, lembrando que a natureza é o *corpo inorgânico* do homem. A natureza é o seu *corpo* e a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza, pois o homem é uma parte da natureza. “No passado, as formas de organização societárias não capitalistas tinham na natureza prolongamentos de seu próprio corpo” (MARX, 1991, p. 85), “extensão inevitável de objetivação do mundo humano subjetivo e da criação sensível do ser social, enquanto manifestação concreta da vida” (RAMALHO, 2010). Marx reforça que, a partir do momento em que o homem passou a viver em sociedade, desenvolveu a capacidade de projetar em sua mente a melhor forma de alcançar seus objetivos por meio do ato do trabalho (apud SANTOS, p. 26).

Hoje, já se adota novos posicionamentos nos estudos sobre homem/natureza, incluindo nestas investigações o ambiente da cidade. Uma das áreas que interessa a esta pesquisa é a da ecologia humana, que já tem sistematizado um arcabouço metodológico para investigar os níveis de interação entre o ser humano e o ambiente desde as questões que vão causar alterações na paisagem até a compreensão de aspectos mais subjetivos nessa relação. Em outras palavras, a ecologia humana pode ser entendida como um campo em que todas as ciências se unem para contribuir com a compreensão de como podemos ser conhecedores de nós mesmos e do mundo.

A ecologia humana toma como pressuposto que a adaptabilidade humana inclui processos que envolvem aspectos fisiológicos e comportamentais; isto é, culturais. Assim, esta área de estudos investiga desde aspectos de organização de produção e econômicos até questões de noção de territorialidade. Porém, dentro do seu espectro de atuação, chama atenção desta discussão os estudos de percepção ambiental, que procuram compreender as diferentes percepções e representações sociais do ambiente para a solução dos problemas ambientais. Tuan (1980) destaca a importância da cultura na construção da relação do indivíduo com a natureza. A ação do sujeito no ambiente é fruto da sua percepção do mesmo e esta está relacionada com sua experiência, com sua bagagem cultural.

¹ Acadêmico do curso de Publicidade e Propaganda; UniCesumar; Bolsista Probic/Unicesumar/Iceti; igorleoalves@gmail.com.

² Acadêmico do curso de Publicidade e Propaganda; UniCesumar; renandalago@gmail.com.

³ Professora orientadora; cursos de Jornalismo e mestrados em Promoção da Saúde e Tecnologias Limpas; ana.velho@unicesumar.edu.br.



Por meio dela, “é possível identificar e caracterizar as distintas relações entre ser humano e ambiente, e compreender suas expectativas, julgamentos e condutas” (FRACCARO, 2010). Sabe-se que a vegetação protege o cidadão contra a insolação, reduz as temperaturas e diminuem a formação de ilhas de calor nas cidades, que interferem na direção e velocidade dos ventos. Segundo Belmiro et al. (2013), “as áreas mais quentes da cidade são aquelas com menos verde e maior demanda de energia proveniente de máquinas industriais, de automóveis, e conseqüentemente maior quantidade de poluentes no ar”.

Além das questões acima, as áreas verdes exercem importância fundamental na qualidade de vida da sociedade, influenciando tanto nos aspectos físicos quanto psicológicos dos indivíduos. “A arborização ajuda a criar a paisagem das ruas, praças e parques, contribuindo para dar noção de espaço ao ser humano e realçar o ambiente físico da cidade” (BELMIRO, 2013).

As praças e áreas urbanas são locais de convivência fundamentais para o homem. Na Antiguidade, as Ágoras eram locais em que as pessoas discutiam a sua urbanidade. Esses foram os embriões das praças que conhecemos hoje e eram locais de sociabilidade, mas também de organização da própria arquitetura urbana. Na modernidade e contemporaneidade, surgem os parques urbanos. A palavra “*parc*”, em inglês e francês antigos, designa “uma área cercada de solo, ocupada por animais de caça, protegidos por ordem ou por concessão do rei” (DAVENPORT e RAO, 2002, p. 54 apud GOMES, 2014). Assim, fica claro que a palavra parque implica delimitação de uma área a ser protegida, preservada, segundo interesses públicos ou privados. Estes são fruto das transformações ocorridas nos séculos XV e XVI, na Europa. As mudanças culturais, sociais e econômicas, unidas ao início das investigações científicas acerca das plantas e do corpo humano fizeram surgir propostas que reformularam os espaços públicos, conformando o design de parques e jardins (FERREIRA, 2005). Com a Revolução Industrial, estes espaços vão se institucionalizar e surgem os grandes parques, primeiramente, na Inglaterra.

Essas áreas, com o tempo, passaram a fazer parte da história das cidades. Além de serem referência para uma orientação socioespacial, fala da vida da cidade, variando de acordo com seus usos, funções e sua forma além dos costumes e tradições de seus habitantes. “O homem, durante o processo de desenvolvimento socioeconômico, estruturou o espaço urbano, de acordo com as suas necessidades de moradia, trabalho e lazer, o que caracteriza um padrão espacial que se apresenta de modo diferente em cada cidade” (SERAFIM, 2008) e localidade.

No Brasil, os parques começaram a surgir no século XVIII, quando a Corte Portuguesa vem para o Rio de Janeiro. Ali, incentivado pelo discurso higienista, a área urbana ganha áreas verdes. Em Maringá, inspirado na política de planejamento urbano inglesa, que sustentou o desenho e a colonização da cidade, o espaço urbano ganhou áreas verdes que são marcas registradas da cidade até hoje. No centro, encontram-se três grandes áreas verdes: o Parque do Ingá, Parque Florestal dos Pioneiros – Bosque II e o Horto Florestal. Os dois primeiros foram projetados em forma de pulmões. O município ainda conta com mais 14 bosques que, somados às milhares de árvores em suas ruas, praças e avenidas, totalizam 166,34 hectares, (MARINGÁ, 2008).

A maior parte das áreas tem problemas graves, encontra-se em estado de abandono e claramente degradado, a ausência de infraestrutura total (PAULA, 2011). O Parque do Ingá, localizado no coração da cidade, é o que apresenta melhores perspectivas. O parque tem 47,3 hectares, foi inaugurado em 10 de outubro de 1971 e reconhecido como área de proteção ambiental em 1991. É uma área verde constituída de árvores de grande porte, que se alteram com outras espécies típicas, um lago e alguns equipamentos de lazer. Porém, ficou quase dois anos fechado e, mesmo reaberto à visitação, após uma reforma, encontra-se com problemas sérios de erosão e poluição da água do lago (GARRUTTI; ZANIN, 2011), além de não contar com ações municipais que o promovam enquanto espaço de integração social.

Desta forma, se torna importante saber como se dá essa relação, que tipo de representações essas áreas oferecem, efetivamente, à vida cotidiana e ao imaginário dos cidadãos. Afinal, é a vivência e a própria paisagem que a cidade oferece que constroem a relação concreta e afetiva do cidadão com a área urbana (FERREIRA, 2005). E as áreas verdes têm um significado importante como ferramenta de representação de Maringá para os cidadãos e para o resto do país e do mundo. Basta ver os encartes e publicações que são distribuídos para falar sobre a cidade. As ilustrações, na maior parte das vezes, são da Catedral Metropolitana ou do Parque do Ingá. E é esta reserva o foco desta pesquisa, visto que é aberto à visitação.

No entanto, nem sempre as áreas verdes, como o Parque no Ingá, têm servido como espaço de convivência, lazer e de experiência com a natureza para seus cidadãos. Acredita-se que conhecer a impressão da população em relação às questões das áreas verdes é fundamental para levar a população de Maringá a compreender a importância da sua convivência com ambiente natural e cobrar do poder público ações efetivas de cuidado e disponibilização desses espaços.

O PROBLEMA

Este estudo pretende, então, responder a questões como: em que nível as áreas verdes de Maringá, especialmente, o Parque do Ingá, têm servido como espaços de convivência, lazer e de experiência com a natureza para seus cidadãos?



Objetivo Geral

Compreender em que nível o Parque do Ingá têm servido como espaço de convivência, lazer e de experiência com a natureza para seus cidadãos.

Objetivos Específicos

- Sistematizar o conceito e os parâmetros de investigação da área de ecologia urbana;
- Mensurar em que nível as áreas verdes de Maringá, especialmente, o Parque do Ingá, têm servido como espaços de convivência para seus cidadãos;
- Aferir as expectativas dos moradores sobre a estrutura do Parque do Ingá como ferramenta urbana para a melhoria da qualidade de vida.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa será de caráter exploratório, com análise quanti-qualitativa. Os objetivos serão atingidos por meio do desenvolvimento de um instrumento de pesquisa estruturado, a ser desenvolvido com ajuda dos alunos do mestrado em Tecnologias Limpas da UniCesumar, já que esta pesquisa é parte de um grande projeto do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Limpas.

O instrumento conterá perguntas fechadas. A amostra de aplicação do projeto será por conveniência. Serão abordados aqueles que estiverem presentes no entorno do Parque do Ingá, em atividades de lazer ou atividades físicas, em três finais de semana (as datas serão determinadas em conjunto) do mês de novembro de 2015, logo após a aprovação dos projetos pelo Conselho de Ética da UniCesumar.

Em seguida, os dados serão tabulados e inseridos num programa de computador (a ser definido) para serem trabalhados estatisticamente (inferências, cruzamentos etc.). Com os dados à mão, os diferentes aspectos serão discutidos pelo grupo do PPGTL, em apoio ao pesquisador de iniciação científica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

- Sistematizar dados para subsidiar ações ambientais e de comunicação em parceria com o Poder Público de Maringá;
- Conscientizar a população maringaense acerca do patrimônio verde que possui, por meio do contato com os cidadãos nas sessões de levantamento de dados e por meio de vivências com moradores da cidade em escolas, shoppings etc.

4 REFERÊNCIAS

BELMIRO, A. et al. Área verde benefícios para a humanidade, saúde pública e qualidade de vida. **Revista Educação Ambiental em Ação**. Número 43, Ano XI. Março-Maio/2013. Disponível em: <http://www.revistaee.org/artigo.php?idartigo=1441>. Acesso em: 6 maio 2015.

FERREIRA, A.D. **Efeitos Positivos Gerados pelos Parques Urbanos: o caso do Passeio Público na cidade do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental – Universidade Federal Fluminense (UFF). 2005.

FRACCARO, L. C. Z., Mariana Piva da Silva, Silvia Maria Guerra Molina. A Percepção Ambiental sob a ótica da Ecologia Humana: o estudo da população rural do município de Ipeúna, SP. **Anais do IV Encontro da ANPPAS**, 2010. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT2-250-303-20100903201002.pdf>. Acesso em: 6 maio 2015.

GARUTTI, S.; ZANIN, T. Responsabilidade Cidadã em Unidades de Conservação: o caso do Parque do Ingá na cidade de Maringá – PR. **Revista Cesumar - Ciências Humanas e Sociais Aplicadas** v. 16, n. 1, jan./jun. 2011, p. 121-146.

GOMES, M. A. S. Parques Urbanos, Políticas Públicas e Sustentabilidade. **Mercator**, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 79-90, mai/ago. 2014.

MARINGÁ. Prefeitura do Município de Maringá. Secretaria do Meio Ambiente. **Revisão do Plano de Manejo do Parque do Ingá**. Maringá, PR: PMM, 2008.

MARX, Karl. **Formações econômicas pré-capitalistas**. 6a. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1991.



PAULA, P.F. Estudo de Caso: análise comparativa entre o Parque do Ingá e o Parque do Cinquentenário-Maringá-PR. **Revista GEOMAE** - Geografia, Meio Ambiente e Ensino. Vol. 02, Nº 01, 1º SEM/2011.

RAMALHO, C. W. N. A Natureza da Natureza em Marx. Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe – **Tomo**. São Cristóvão-SE. Nº 17. jul./dez. 2010. P.156.

SANTOS, A.C.N. **A Relação Homem/Natureza**: a destruição da natureza na sociabilidade capitalista. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. – Universidade Federal de Alagoas – Ufal. Faculdade De Serviço Social. 2014.

SERAFIM, Ana Regina M. D. B. da R. O Verde na Cidade: Análise da Cobertura Vegetal Nos Bairros do Centro Expandido da Cidade do Recife – PE. **Anais do IV Encontro da ANPPAS**, 2008. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT8-91-560-20080519075525.pdf>. Acesso em: 2 maio 2015.

TUAN, Y-F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.